

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

# O MOVIMENTO OLÍMPICO E AS GUERRAS

OLIMPISMO, PROPAGANDA, BOICOTES E TERRORISMO

Lisboa | 5 e 6 de julho 2016



INTERNATIONAL CONFERENCE

## OLYMPIC MOVEMENT AND WARS

OLYMPISM, PROPAGANDA, BOYCOTTS AND TERRORISM

Portugal | Lisbon | 5<sup>th</sup> and 6<sup>th</sup> July 2016

LIVRO DE RESUMOS

BOOK OF ABSTRACTS

**COMISSÃO ORGANIZADORA / ORGANIZING COMMITTEE**

Ana Paula Pires (IHC-FCSH-UNL)

António Paulo Duarte (IDN & IHC-FCSH-UNL)

Cândida Cadavez (Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril & IHC-FCSH-UNL)

Rita Nunes (Comité Olímpico de Portugal & IHC-FCSH-UNL)

**MAIS INFORMAÇÕES / MORE INFORMATION**

<https://warolympics.wordpress.com>

[warolimpics@gmail.com](mailto:warolimpics@gmail.com)

**LOCAL / VENUE**

Comité Olímpico de Portugal

Travessa da Memória, 36

1300-403 Lisboa

## INDICE

<b>THE OLYMPIC IDEA OF THE MODERN ERA HAS GIVEN US A SYMBOL OF WORLD WAR". A HUNDRED YEAR OLYMPIC WAR OF IMAGES</b>	
Arnd Krüger	5
<b>OS JOGOS OLÍMPICOS AO LONGO DOS TEMPOS: POLÍTICA, BOICOTES E PROPAGANDA</b>	
Jenny Candeias	7
<b>JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM DE 1936 – 80 ANOS DEPOIS</b>	
Rui Proença Garcia e Cíntia Gil	9
<b>A ITÁLIA DE VITTORIO POZZO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM: POLÍTICA E REPRESENTAÇÕES DA ITÁLIA FASCISTA,</b>	
Daniele Serapiglia	10
<b>OS JOGOS OLÍMPICOS DE 1936, VISTOS ATRAVÉS DO HOMO LUDENS DE HUIZINGA</b>	
Alcino Pedrosa	11
<b>DIMENSÃO POLÍTICA DO FUTEBOL PORTUGUÊS NOS JO DE 1928 - AFIRMAÇÃO INTERNA E INTERNACIONAL</b>	
César Rodrigues	13
<b>GUERRA, ESTRATÉGIA E OLIMPISMO</b>	
António Horta Fernandes	15
<b>MESA REDONDA HISTÓRIAS OLÍMPICAS/ ROUND TABLE OLYMPIC STORIES</b>	17
<b>O NOME TAMBÉM PODE SER UMA TRINCHEIRA. A HISTÓRIA DO COREANO QUE GANHOU A MARATONA OLÍMPICA COMO JAPONÊS</b>	
Leonídio Ferreira	18
<b>CORTINA 1956: THE FIRST COLD WAR WINTER OLYMPICS</b>	
Nicola Sbeti	20
<b>OLYMPICS IN THE TIME OF COLD WAR</b>	
Cristiana Lucretia Pop	23
<b>USING OLYMPIC MOVEMENT IN THE COLD WAR: THE DEVELOPMENT OF PHYSICAL CULTURE AND SPORT IN THE USSR (1945-1965)</b>	
Karina Ovsepyan	25
<b>UNITED IN MOURNING? THE OLYMPIC MOVEMENT AND THE TERRORIST ATTACK AT THE 1972 MUNICH OLYMPICS</b>	
Marc Brueggemann	27

**SPORT TOURISM, TERRORISM & PSYCHOANALYSIS. A REFLECTION ON CONTEMPORARY EVENTS FROM HEYSEL PARK TO THE 2016 OLYMPICS**

Cristina Carvalho e Alexandre Silva 29

**INTERNATIONAL SPORTS BOYCOTTS AS A RESPONSE TO UDI, 1965-1980**

Charles Little 31

**THE SOVIETS MUST BE TOLD: MOVE THE GAMES FROM MOSCOW! A HUMAN RIGHTS APPROACH TO THE 1980 OLYMPIC BOYCOTT**

Umberto Tulli 33

**GESTURES OF OLYMPIANS AS AN EXPRESSION OF OBJECTION TO POLITICS**

Marlena Wyskok 36

**A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DA COMUNICAÇÃO, CASE STUDY NOS JOGOS OLÍMPICOS**

Katerina D. Barbosa 38

## THE OLYMPIC IDEA OF THE MODERN ERA HAS GIVEN US A SYMBOL OF WORLD WAR". A HUNDRED YEAR OLYMPIC WAR OF IMAGES

**Arnd Krüger**

George-August University Göttingen/  
Lower Saxony Institute of Sport History (NISH)

The German journalist Martin Berner reported in 1913: 'The Olympic Games are a war, a real war. You can be sure that many participants are willing to offer - without hesitation - several years of their life for a victory of the fatherland. . . The Olympic idea of the modern era has given us a symbol of world war, which does not show its military character very openly, but - for those who can read sports statistics - it gives enough insight into world ranking'. This war of images (ranking, statistics, still and moving pictures, emotions, symbols, ideology) provided an ever more effective vehicle for propaganda. The invention of the 'State Amateur' to manipulate world ranking (1912), the perfect propaganda by absolute control over the pictures of the Olympic Games (1936), the usage of the Olympic Games as a stage for the Cold War (1952-1988), or as a vehicle to bring its national cause on the international agenda by terrorism (1972) or boycotts (1976, 1980, 1984) shows that the war of images of the Olympic Games is still raging.

In 1986, at the occasion of the 50<sup>th</sup> anniversary of the 'Nazi Olympics' German historian Hajo Bernett insisted that the Nazis had abused the noble Olympic idea for their aims, while for the French sociologist Jean Marie Brohm the Olympic Games are a fascist enterprise that only a fascist regime could celebrate in such a splendid manner. This wide spread of possible interpretation of Olympism has been a major characteristic of the historical analysis of the Olympic Games of the modern era.

The IOC has therefore established an Olympic Charter to get out of the dilemma Pierre de Coubertin has brought the Olympic movement when he explained in a newspaper interview after the 1936 'Nazi Olympics': 'What is the difference between propaganda for tourism (1932 Los Angeles) or for a political regime (1936 Berlin), what is important is that the Games are celebrated well and keep increasing.' This basic view of de Coubertin will be used as matrix for a discussion about Wars, Propaganda, Boycotts and Terrorism in relation to Olympic history.

**Arnd Krüger** (born July 1, 1944) is a German professor of sport studies. Krüger earned his BA (English major) from UCLA in 1967 and his PhD from the University of Cologne (Modern and Medieval History) in Germany in 1971. He attended UCLA on a track scholarship, was 10 times

German champion, and represented West Germany at the 1968 Summer Olympics in the 1500 meter run, where he reached the semi-final.

After completing the PhD, Krüger worked for the German Sports Federation (1971–74), and the Berlin Teachers' Training College (1974–78) and taught part-time at the German National Coaching Academy. He was Associate Professor for Coaching and Movement Sciences at the University of Hamburg (1978–80) and then became full professor for Sport Studies and Chair of the Physical Education Department at the University of Göttingen and was head of the Society and Training Section. He has served several times as Dean of the School of Social Sciences in Göttingen.

Krüger was the founding president of the European Committee for the History of Sport (CESH) (1995–97) and has been the President of the Niedersächsisches Institut für Sportgeschichte (NISH) (Lower Saxony Institute for Sport History) since 2000. He is the author/editor of more than 40 books and has been published in more than ten languages. Since his doctoral dissertation on the political impact of the 1936 Olympics he has published extensively on the political and cultural impact of sports and particularly the Olympic Games. He has also worked in the history of training science.

He is a Fellow of the U.S. National Academy of Kinesiology and of the European College of Sport History and Editor-in-Chief der *European Studies in Sports History*.

## OS JOGOS OLÍMPICOS AO LONGO DOS TEMPOS: POLÍTICA, BOICOTES E PROPAGANDA. JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM DE 1936 – 80 ANOS DEPOIS

**Jenny Candeias**

Doutorada em Treino e Organização Desportiva  
Treinadora e Juiz Olímpica

Este tema, englobando os muito discutidos e criticáveis Jogos de Berlim 1936, depois da 1ª Guerra Mundial, da derrota da Alemanha e como foram usados para a exaltação do nazismo poderia tornar-se uma pesada aula do História do Desporto. Isto porque, na minha ótica, muito do que hoje apontamos como errado e impróprio em JO de nações civilizadas começou ainda na Antiguidade Clássica. Os valores clássicos que tanto apreciamos e apontamos como exemplos para o desporto tais como:

- A importância do exercício físico na educação;
- O equilíbrio entre a educação física e a intelectual;
- A importância das artes e a sua presença durante Jogos Olímpicos;
- A integridade exigida ao cidadão/atleta para competir;
- A Trégua Sagrada seguida pelas *polis*;
- O cumprimento de normas e a inexistência de corrupção, etc....

... e muito mais, exaltam a nossa imaginação tornando o desporto olímpico da Antiguidade um modelo. Porém, pouco lógico seria não mencionar alguns dos ideais que, no séc. XIX, Pierre de Coubertin procurou fazer renascer em benefício da educação dos jovens do seu tempo, alterados ainda pelos seus contemporâneos.

As raízes de alguns excessos e erros do desporto olímpico moderno – aumentados pela tecnologia e ciência – começaram, *mutatis mutandis*, logo com os povos helénicos. Boicotes, propaganda e aproveitamento dos Jogos como arma política em benefício do prestígio das cidades organizadoras ou dos seus chefes, o profissionalismo e a aceitação de vitórias sem ética e a tendência para a espetacularidade, conduziram os grandes jogos feitos em homenagem a Zeus a uma inevitável decadência acentuada pela derrota da civilização grega.

Haverá momentos em que pareço fazer de advogado do diabo revelando aspetos menos próprios como compete a um cardeal em processos de canonização. Mas não! Desde que assisti aos meus primeiros JO que me coloco na linha da frente dos seus admiradores... mas também na dos críticos.

Assim, a minha exposição seguirá:

1º - Uma passagem pela época pan-helénica e interpretação dada então a palavras como Violência e Trégua Sagrada. Como surgiu o profissionalismo, a importância crescente da vitória sobre a participação e a viciação dos ideais originais que levaram ao declínio que a conquista da Grécia pelos bárbaros acelerou e remetendo os JO para o esquecimento, escondendo-os séculos na poeira dos tempos, tal como a cidade de Olímpia.

2º - Recordar alguns dos objetivos de Coubertin e de como foram alterados ainda pelos seus contemporâneos. E que: Boicotes; Propaganda com fins economicistas; uso do desporto como arma Política; ou o profissionalismo, primeiro encapotado e depois abertamente, não desapareceram.

3º- Terminarei, como foi pedido, com apontamentos sobre os os Jogos Olímpicos de 1936 que, na nossa época, foram os primeiros a usar a Propaganda e a grandiosidade das cerimónias para a aceitação mundial de um regime que pouco depois levou aos horrores da II Guerra Mundial e ao Holocausto.

Muito de interessante ficará por dizer, mas muito mais é do conhecimento da Assembleia que, discutindo pontos menos claros, reforçará o cumprimento dos princípios expressos na Carta Olímpica e contribuindo para que os JO do futuro - sem deixarem de ser «modernos» e diferentes - tenham muito da pureza inicial, respeitem a lealdade e a aceitação de todas as nações como iguais e com as mesmas oportunidades.

Se não o conseguir, pelo menos tentei e PARTICIPEI. Não é isso que se pede aos olímpicos?

## **Jenny Candeias**

Licenciada em Educação Física pelo INEF em 1966 e Doutorada em Motricidade Humana na Especialidade de Treino e Organização Desportiva, pela Faculdade de Motricidade Humana (FMH) da Universidade Técnica de Lisboa (1987).

Presidente do Conselho Técnico Feminino da Federação Portuguesa de Ginástica (1969). Vice-presidente da Direção da Federação Portuguesa de Ginástica (1971). Membro fundador da Sociedade Portuguesa de Educação Física (1974).

Docente no Instituto Superior de Educação Física - ISEF e na Faculdade de Motricidade Humana-FMH (1966 – 1992). Fundadora e responsável pelo Centro de Treino de Ginástica Rítmica do ISEF/ FMH (1981 – 1990).

Autora de diversas publicações e estudos onde se destacam: «Da Iniciação à Alta Competição. Aspectos relevantes de uma Experiência» (2004) e «Como se constrói um campeão desportivo para as olimpíadas de séc. XXI» (2008).

Responsável pela Coluna Semanal sobre Educação Física e Desporto do Jornal A Bola, desde 1989.



## JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM DE 1936 – 80 ANOS DEPOIS

**Rui Proença Garcia**

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

**Cíntia Gil**

DocLisboa

A partir do documentário de Leni Riefenstahl, intitulado Olympia. Feste der Völker, e do pensamento político da época exposto pelo livro A minha luta, analisaram-se os Jogos Olímpicos de 1936. Para tal, estabeleceu-se o quadro antropológico da época, tentando compreender os Jogos à luz desses conceitos hegemónicos. Pela análise efetuada pode concluir-se: o pensamento racial e a superioridade do povo ariano em relação aos demais não eram exclusivamente germânicos; os Jogos constituíram-se num ato de propaganda do regime com inúmeras exaltações do nazismo e do seu líder; no documentário de Leni Riefenstahl não são visíveis manifestações racistas; o documentário evidencia a necessidade de os organizadores dos Jogos reivindicarem a pureza biológica do arianismo e a herança cultural do povo grego, de que o ritual do fogo olímpico é um exemplo; unir a Grécia à Alemanha através do olimpismo era fundamental para legitimar a exaltação do corpo vigoroso defendido por A. Hitler.

### **Rui Proença Garcia**

Nascido no Porto em 1958. Licenciado e Doutorado em Ciências do Desporto. Professor Catedrático da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Diretor do Centro de Estudos Olímpicos da mesma Instituição. Membro Correspondente Vitalício da Academia Brasileira de Filosofia. Professor Convidado em Universidades de Angola, Brasil e Espanha

### **Cíntia Gil**

Nascida no Porto em 1979. Licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto. Diretora do Festival Internacional DocLisboa. Integra Júris de Festivais Internacionais de Cinema. Bolseira da FCT. Tem colaborado com o Centro de Estudos Olímpicos da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

## **A ITÁLIA DE VITTORIO POZZO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM: POLÍTICA E REPRESENTAÇÕES DA ITÁLIA FASCISTA**

**Daniele Serapiglia**

Instituto de História Contemporânea (IHC) / FCSH-UNL

Nelle olimpiadi delle razze, come sono stati percepiti i giochi di Berlino del 1936, la nazionale italiana di calcio vinse la medaglia d'oro, assicurando al regime fascista un successo che andò ben oltre il suo significato sportivo. Con il regime di Mussolini, gli sport di squadra si stavano imponendo all'attenzione degli italiani, perché confacenti allo spirito collettivista del fascismo.

Soprattutto il calcio riuscì a coinvolgere sentimentalmente le masse, tanto che gli stadi divennero alcuni dei luoghi favoriti per lo sviluppo del culto del regime. La dimensione internazionale di questo sport assicurava al fascismo un palcoscenico eccezionale, sul quale rappresentare il "vigore" e la forza della propria razza, ma anche la capacità organizzativa italiana. Ciò era stato compreso durante le olimpiadi di Amsterdam del 1928, quando il terzo posto degli azzurri aveva creato entusiasmi nella penisola. La vittoria nei mondiali casalinghi del 1934, aveva definitivamente fatto comprendere la potenza propagandistica del gioco del pallone. Con le Olimpiadi del 1936, l'Italia, da poco uscita dalla guerra di Etiopia, lanciò un monito a livello globale rispetto alla forza del suo impero, tanto che quella di Berlino fu considerata una tra le più importanti vittorie della nazionale in camicia nera.

### **Daniele Serapiglia**

Daniele Serapiglia è ricercatore integrato dell'Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humana da Universidade Nova de Lisboa e ricercatore collaboratore del Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. Ha conseguito il titolo di dottore di ricerca, in regime di co-tutela con l'Università di Coimbra, presso il Dipartimento di Storia Culture Civiltà dell'Università di Bologna, dove è stato assegnista fino al maggio 2016.

Nel 2011, ha pubblicato una monografia dal titolo *La via portoghese al corporativismo*; mentre, nel 2014, ha curato e introdotto, per la collana dell'Istituto Parri Emilia-Romagna, il volume *Il fascismo portoghese*. Le interviste di Ferro a Salazar, anche grazie al contributo della Fundação Calouste Gulbenkian. Dal 2011 è membro della Società italiana di storia dello sport.

## OS JOGOS OLÍMPICOS DE 1936, VISTOS ATRAVÉS DO *HOMO LUDENS* DE HUIZINGA

Alcino Pedrosa

Grupo de História e Desporto (IHC-FCSH/UNL – CEIS20/UC)

A minha comunicação propõe-se fazer a leitura dos Jogos Olímpicos e o seu impacto no futuro dos ideais olímpicos, através da obra de Johan Huizinga, *Homo Ludens*. Publicado em 1938, o texto vinha já sendo trabalhado desde 1903. O livro, dado à estampa nas vésperas da II Guerra Mundial, é extremamente marcado pelo seu tempo. Muito do desencanto que deixa transparecer é o reflexo da forma como a propaganda nazi se apropriou dos Jogos Olímpicos de 1936, corroendo o espírito olímpico. Huizinga sustenta uma tese ousada: o jogo é um elemento cultural primordial, a forma elementar de todas as principais manifestações do espírito humano. No entanto, ao longo do texto, o reitor da Universidade de Leyden acaba por reconhecer as limitações teóricas do ponto de partida da sua reflexão, quando o confronta com as circunstâncias históricas do momento.

A minha comunicação parte da explanação feita pelo historiador e filósofo holandês para demonstrar a importância do “saber jogar”, isto é, do saber vencer e saber perder, do procurar ser mais forte, respeitando as regras e o adversário, executando à letra a ética humanista do *fair-play*, que ele via subjacente ao espírito olímpico. A assunção deste princípio leva-o a posicionar-se frontalmente contra a política externa nazi, que sistematicamente desrespeitava acordos diplomáticos e se impunha pela violência. E, ao fazê-lo, Huizinga assume claramente a crítica ao modo como a propaganda alemã se apropriou dos Jogos Olímpicos. A maneira como o desporto ganhou importância na sociedade contemporânea, sublinha o filósofo, demonstra o modo como ia sendo utilizado para disciplinar e preparar a juventude para a guerra. Escreve ele: ***O que fez do desporto um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam identificar-se com a nação, simbolizada por jovens que se deixavam dominar por um novo espírito que encarava a prática desportiva, não como um meio de organização e de formação, mas sim de submissão e de uma superioridade que não tinha nada a ver com os princípios sustentados por Coubertin*** (*Desporto e espectáculo*, 1938).

Homem com uma profunda formação humanista e uma enorme admiração por Erasmo de Roterdão, Huizinga vê-se enredado numa contradição: acredita, por um lado, que a Humanidade se pode humanizar ao aceitar que os rígidos limites do jogo são garantia de espaço para a liberdade, mas, por outro, subjugado pelo momento histórico em que vive, sente um desencanto face ao desporto moderno, que submete o homem e se apossa da sua liberdade, *concorrendo, não para uma melhor organização das sociedades, mas antes para a sua destruturação* (*Homo Ludens*, 1938).

É nesta contradição (mais aparente do que real, de resto), que se centra a minha comunicação. Contradição, de resto, que a própria História acabaria por superar. Aliás, o próprio Huizinga tem a noção desta ultrapassagem, ao escrever dois anos após a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim: *1936 marca uma nova era no movimento olímpico. A partir daqui nada será como antes.* (*Desporto e espectáculo*, 1938).

De facto, a sombra da guerra não tardaria a cobrir a Europa. A Holanda ver-se-ia ocupada pelos alemães em 1940. Huizinga, preso em 1942, permaneceria detido até à sua morte, em Fevereiro de 1945, poucos meses antes da libertação. Na cabeceira do seu leito, quando faleceu, estava *Educação de adolescentes no século XX*, de Pierre de Coubertin.

## **Alcino Pedrosa**

Professor do ensino secundário. Mestre em História Cultural e Política; Curso de Doutoramento em Ciências Históricas; Investigador do Grupo de História e Desporto (Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX – Universidade de Coimbra); Investigador integrado do Instituto de História Contemporânea (FCSH-UNL).

Membro da Associação Ibérica de História do Pensamento Económico. Director de Edição das obras: Sampaio, Adrião Pereira Forjaz de, *Estudos e Elementos de Economia Política (1839-1874)*, Lisboa, Banco de Portugal, 1995; Costa, Hipólito José da, *Diária da Minha Viagem para Filadélfia*, Lisboa, ICS, 2007. Com António Moreira escreveu *As Grandes Datas da História de Portugal*, Lisboa, Editorial Notícias, 2004. É autor de vários textos e artigos sobre a história do pensamento económico português e a história do desporto.

## **DIMENSÃO POLÍTICA DO FUTEBOL PORTUGUÊS NOS JO DE 1928 - AFIRMAÇÃO INTERNA E INTERNACIONAL**

**César Rodrigues**

Grupo de História e Desporto (IHC-FCSH/UNL – CEIS20/UC)

O desporto tem dado visibilidade a determinadas visões de Homem e de mundo, em que a supremacia alcançada no «campo desportivo era – e por vezes ainda é – um sinónimo de superioridade de uma civilização ou, ideia infame, de uma raça».1

A competição desportiva pode representar a afirmação de uma sociedade e, ao mesmo tempo, revelar-se como agente unificador de classes, de identidades e de pertença nacional. Com o aparecimento das competições desportivas internacionais, a própria linguagem de cariz militar servia como analogia para as regras patrióticas de defesa da nação, fazendo do desporto uma outra forma de fazer a guerra.

A retórica do desporto enquanto guerra simbólica ganharia maior protagonismo após a Primeira Grande Guerra. O desporto, e particularmente o futebol, poderia cumprir o papel de mediar o «nosso instinto natural de guerra» ou de «instrumento simulador de guerra entre dois grupos rivais»2 que combatem no campo de jogo pela vitória e dominação do oponente.

Assim, defende-se que a apropriação popular das seleções nacionais tem permitido reproduzir o que Billig designa de “nacionalismo banal”.3 Uma seleção nacional de futebol poderá revelar-se instrumento de unidade nacional, na linha do defendido por Hobsbawm4 em que uma equipa composta por um conjunto de onze pessoas permite representar e materializar uma comunidade de milhões de pessoas.

No entanto, se o desporto pode permitir veicular uma determinada afirmação da sociedade, já a representação do mundo encontra-se intimamente ligada à perceção fornecida pela comunicação social. Deste modo, as pessoas tendem a formar as suas impressões sobre o mundo a partir dos órgãos de informação podendo, inclusive, adotar as interpretações dos jornalistas, transformando-os numa influência poderosa sobre a opinião pública.

Sabendo-se que a imprensa – por não ser imune ao tempo histórico em que se insere – refletirá no discurso a sua interpretação da realidade política e reconhecendo-se a influência dos meios de comunicação na representação política do futebol, pretende-se captar as matérias, as abordagens e os discursos que foram levados ao público, ancorados num momento de sucesso desportivo alcançado no Torneio de Futebol dos Jogos Olímpicos de Amesterdão de 1928.

---

<sup>1</sup> GARCIA, Rui Proença (2009) – “De um Desporto sem Ideologias para Um Desporto com Ideias”, in BENTO, Jorge Olímpio e CONSTANTINO, José Manuel (coord) – O Desporto e o Estado – Ideologias e Práticas. Lisboa: Edições Afrontamento.

<sup>2</sup> BATISTA, Luís (2009) – “Projecto(s) de Alterações Aos Estados Humanos: Arquitectura, Desporto e Publicidade Política”, in BENTO, Jorge Olímpio e CONSTANTINO, José Manuel (coord) – O Desporto e o Estado – Ideologias e Práticas. Porto: Edições Afrontamento.

<sup>3</sup> Cf. BILLIG, Michael (1995) – Banal Nationalism, 1ª ed. London: Sage Publications.

<sup>4</sup> Cf. HOBBSAWM, Eric (1998) – Nações e Nacionalismo desde 1780, Lisboa: Terramar.

Particularmente, pretende-se avaliar, se a imprensa portuguesa utilizou, no referido Torneio e por efeito de contaminação da projeção dos ideais nacionalistas naquele período, um discurso de guerra simbólica e de retórica nacionalista favorável à união interna e à afirmação externa de Portugal.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Jogos Olímpicos; Guerra simbólica; Nação; Futebol; Imprensa.

#### **César Rodrigues**

Investigador colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20/UC). Membro do Grupo História e Desporto – IHC/CEIS20.

Autor de diversas conferências e de artigos científicos. Professor de História e antigo Diretor Pedagógico. Editor *H-Sport Journal Watch*.

Doutorando em História Moderna e Contemporânea (ISCTE-IUL). Mestre em História Contemporânea e licenciado em História (FL-UC), pré-Bolonha – Ramo de Formação Educacional.

## GUERRA, ESTRATÉGIA E OLIMPISMO

**António Horta Fernandes**

CHAM e FCSH-UNL

Desde que a guerra deixou de ser exclusivamente luta armada e a estratégia deixou de se ater também em exclusivo à luta armada, o desporto, e em particular o movimento olímpico, pela sua importância na cena internacional, viram-se envolvidos tanto pela guerra como pela estratégia.

Assim, apesar dos prolegómenos possíveis, nomeadamente na Grande Guerra, ao ser considerada, por vezes, a atitude guerreira como desporto ou encarada com espírito desportivo (relativamente comum na prestação militar das forças ao serviço do império britânico), ou equiparada à caça (mas esse é outro problema), o certo é que apenas quando a guerra e a estratégia extravasam o militar, nas primeiras décadas da guerra fria, pode o desporto ser encarado como ao serviço da conflitualidade hostil. A primeira manifestação olímpica nesse sentido, ainda que mais de espanto que de enfrentamento, pelo menos do ponto de vista ocidental, é o meritório comportamento, ou por outras palavras, a entrada em força na caça às medalhas por parte da URSS nos jogos olímpicos de Helsínquia, em 1952.

Todavia, não está em causa ser o cerne do desporto, a partir daí, aprisionado pela guerra e pela estratégia. O desporto em si é do domínio da competição, da conflitualidade regrada, e no caso de alguns dos desportos individuais, mais próximo da ideia de pirâmide de objectivos a atingir que propriamente de um agonismo declarado. Enquanto a guerra e a estratégia tratam da hostilidade pura e dura, do para além das regras, portanto, entre entidades políticas distintas. Aquilo que acontece, no caso da estratégia, é que o desporto passa a ser usado como uma arma efectiva ou potencial ao serviço de desígnios políticos que suscitem ou podem suscitar hostilidade de uma outra parte. Não havendo propriamente uma estratégia desportiva, o desporto pode ser usado ao serviço da estratégia, enquanto entidade gestora do conflito, por exemplo, ao nível das estratégias cultural ou ideológica – vejam-se a grande vitória soviética no basquetebol sobre os EUA (ainda que estes fossem forçados a utilizar uma equipa de raiz universitária) nos jogos de Munique, em 1972, ou as performances vencedoras do velocista Valery Borzov, nos mesmos jogos, como símbolos da derrota norte-americana, por incidirem nas áreas tradicionais de excelência dos EUA; ou ainda os boicotes aos Jogos de Moscovo e de Los Angeles, com relevância inclusive na estratégia económica, no sentido de fazerem fracassar eventos caros, incluindo em termos da cobertura mediática, onerando assim ainda mais o adversário.

Da mesma forma, não havendo propriamente uma guerra desportiva, os embates desportivos podem estar, e estiveram, ao serviço de modalidades técnicas de guerra fria, isto é, aquelas em que predominam outras formas de luta que não a luta armada, como a guerra ideológica, cultural e económica. Todo o olimpismo durante a guerra fria é perpassado por essa confrontação, ao ponto do uso indiscriminado de substâncias proibidas (que atingiu o zénite com os desportistas fabricados da RDA) visar, mais que objectivos económicos, de prestígio

individual e de consagração do individualismo niilista contemporâneo, como acontece maioritariamente hoje em dia, a derrota do adversário no campo de batalha substituto.

E refiro campo de batalha substituto, porquanto, diferentemente do económico, do cultural, do ideológico, do psicológico, do diplomático, entre outros, onde não existe por definição um a priori regrado, embora se possa dizer com razão estarmos perante campos com outros e prioritários objectivos que não a hostilidade, em comparação com o militar, a verdade é que o desporto é por natureza uma competição, isto é, um agonismo regrado e só com esse ordenamento faz sentido, ou melhor, é simplesmente desporto. Desse modo, falar numa guerra desportiva ou de uma gestão da hostilidade (estratégia) em sentido estrito não passa de uma contradição nos termos. Pode haver um campo de batalha económico ou militar, mas não propriamente um campo de batalha desportivo sem o mesmo deixar de ser desportivo. Daí, apesar dos esforços das superpotências, não podemos reduzir o movimento olímpico a uma faceta da guerra fria; não obstante poder ter sido usado ao serviço da guerra fria, tanto directa como indirectamente. Quer dizer, o desporto pode e pôde ser manuseado como se de uma arma se tratasse de forma directa, além do aproveitamento dos seus resultados (modo indirecto), mas não pode nem pôde constituir em si mesmo essa arma ao serviço de objectivos políticos, como pode o cultural, o económico e, obviamente, o militar.

Sem estas destrinças, na aparência subtis, mas fundamentais, não se consegue perceber a utilização efectiva do olimpismo no âmbito da guerra fria e ao serviço da guerra em geral, correndo o risco de se encetar um cinismo onde tudo é pardo, todos os fenómenos se equivalendo e, por conseguinte, como acontece quando tudo se igualiza num sincretismo fácil, incapaz de explicar seja o que for.

## **António Horta Fernandes**

Professor Auxiliar com Agregação no Departamento de Estudos Políticos da faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Assessor do Instituto da Defesa Nacional. Coordenador Executivo da revista Nação e Defesa do Instituto da Defesa Nacional. Oficial da Força Aérea Portuguesa.

Investigador do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar – CHAM. Áreas de investigação: Estratégia, Relações Internacionais, Teologia Política e Filosofia política.

Publicações (mais recentes): O Conceito de Segurança: um obstáculo à paz, A Geopolítica: Saber Criado na Modernidade – o exemplo português e Os Dois Conflitos Mundiais como Ilustração da Ausência de Anarquia Internacional.



## **MESA REDONDA HISTÓRIAS OLÍMPICAS/ ROUND TABLE OLYMPIC STORIES**

Nesta Mesa Redonda com a intervenção da jornalista Cecília Carmo e o Fotógrafo Eduardo Gageiro pretende-se ter os relatos, na primeira pessoa, dos acontecimentos e dos factos que marcaram as edições dos Jogos Olímpicos.

Eduardo Gageiro é o autor de algumas das imagens que correram mundo, relativas ao sequestro dos membros da delegação de Israel nos Jogos de Munique 1972 e Cecília Carmo que acompanhou 4 edições dos Jogos Olímpicos de Barcelona 1992, Atlanta 1996, Sidney 2000 e Atenas 2004 abordará os diferentes acontecimentos ocorridos nestas edições.

O atleta Olímpico António Gentil Martins, trás ao debate a história do seu pai – António Martins, reconhecido médico, exímio desportista do seu tempo com vários títulos nacionais, a sua participação na 1ª Guerra Mundial e nos Jogos Interaliados e posteriormente, com o seu retorno a Portugal, a participação desportiva e as suas participações nos Jogos Olímpicos de Antuérpia 1920 e Paris 1924.

### **OS JOGOS OLÍMPICOS, EVOLUÇÃO E CONFLITOS. A PERSPETIVA DO JORNALISTA**

**Cecília Carmo**, Jornalista em 4 edições dos Jogos Olímpicos Barcelos 1992, Atlanta 1996, Sidney 2000 e Atenas 2004.

### **A MOBILIZAÇÃO DE ATLETAS PARA A 1.ª GUERRA MUNDIAL. O CASO DE ANTÓNIO MARTINS, VISTO PELOS OLHOS DO FILHO**

**António Gentil Martins**, Atleta Olímpico em Roma 1960

### **O TERRORISMO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE MUNIQUE 1972**

**Eduardo Gageiro**, Fotógrafo nos Jogos Olímpicos de 1972

## O NOME TAMBÉM PODE SER UMA TRINCHEIRA. A HISTÓRIA DO COREANO QUE GANHOU A MARATONA OLÍMPICA COMO JAPONÊS

**Leonídio Ferreira**

Universidade de Évora/Diário de Notícias

Do primeiro contexto resulta o mais famoso episódio desses Jogos de 1936, as quatro medalhas de ouro ganhas por Jesse Owens na capital da Alemanha então nazi. Não só Owens era americano, cujo país era óbvio rival geopolítico da Alemanha, como era negro, pelo que as suas proezas nas provas de velocidade e salto constituíram uma negação da tese da supremacia branca ariana. Adolf Hitler chega a retirar-se do Estádio Olímpico para não assistir às exibições de Owens, cujas vitórias não evitaram que a Alemanha ficasse em primeiro lugar no quadro de medalhas (89, incluindo 33 de ouro, contra 56 dos Estados Unidos, 24 delas de ouro).

O segundo contexto fica aqui descrito nas palavras do historiador sul-coreano Bong-youn Choy: "A política colonial japonesa consistia de supressão política, exploração económica e assimilação cultural. Os coreanos não tinham direitos políticos ou civis, e as posições mais elevadas do governo não lhes estavam acessíveis; mais de 85% de riqueza nacional total estava sob controlo japonês; e nenhum ensino da história, cultura ou língua coreana era autorizado nas escolas, nas quais em vez disso a história, a cultura e a língua japonesas eram ensinadas". Ora, foi nesta Coreia ocupada que Sohn nasceu, em 1914, em Sinuiju, localidade hoje na Coreia do Norte, ou República Popular Democrática da Coreia.

Conta-se que descoberto o talento do jovem para a corrida de longa distância, o treino era feito com pedras às costas e areia nos bolsos para aumentar o esforço e desenvolver resistência. Aos 17 anos, Sohn correu a primeira maratona e depois, entre 1931 e 1936, mais 12, das quais ganhou nove. Em novembro de 1935 venceu a maratona de Tóquio com o tempo de 2 horas, 26 minutos e 42 segundos, melhor marca mundial. Percebeu-se então que poderia fazer frente ao argentino Juan Carlos Zabala, que tinha ganho em 1932 a maratona dos Jogos de Los Angeles.

Vários jornais da época contam o feito de Sohn, embora referindo o nome japonês. Assim, perante a aceleração inicial de Zabala, o coreano terá preferido manter o seu próprio ritmo. A meio da prova, o argentino foi ultrapassado e Sohn correu para a vitória. Foi em Berlim o primeiro a completar os 42 quilómetros e 195 metros e no pódio, no lugar mais baixo, esteve outro coreano forçado a correr com as cores japonesas, de seu verdadeiro nome Nam Sung-yong. A medalha de prata foi para o britânico Ernie Harper.

A fotografia do pódio é reveladora: o britânico está de rosto erguido, orgulhoso de ver a bandeira do seu país no mastro. Mas os dois coreanos estão cabisbaixos, enquanto toca o hino japonês.

Em Seul, hoje capital da Coreia do Sul mas então cidade subjugada, um jornal decide apagar da fotografia a bandeira japonesa que surge na camisola do campeão olímpico. Seguiram-se detenções e a suspensão do jornal, mas o 'Dong-a Ilbo', ainda na atualidade o maior diário do país, juntava-se à resistência à ocupação, um movimento a que o próprio Sohn aderira, quando em Berlim, ainda antes de correr, dava autógrafos com os caracteres coreanos e por vezes os fazia acompanhar por um desenho do país. Os japoneses chamavam a isto "propaganda subversiva", que foi a acusação que justificou um ano de suspensão do 'Dong-a Ilbo'.

Em 1945, a ocupação japonesa chegou ao fim. Com a derrota na Segunda Guerra Mundial, o exército nipónico rendia-se na península coreana e com base num acordo entre os vencedores, a norte do paralelo 38 as armas foram entregues à União Soviética, a sul aos Estados Unidos. Em

1948, nascem as duas Coreias e entre 1950 e 1953 combatem, no âmbito da Guerra Fria, mas sem alteração significativa da linha de divisão inicial. Pouco a pouco, o Sul evoluirá para uma democracia próspera, mas o Norte manter-se-á ditatorial. Neste contexto, foi feliz para Sohn ter optado desde o início pela Coreia do Sul, onde se tornou treinador de maratonistas. Considerado um símbolo nacional, em 1988, quando os Jogos Olímpicos se realizaram em Seul, foi escolhido para entrar no estádio com a tocha, perante 80 mil pessoas extasiadas. Um segundo momento de consagração deu-se nos Jogos de Barcelona, em 1992, quando um dos discípulos de Sohn, Hwang Young-jo, ganhou a maratona olímpica. A Coreia voltava a ter o melhor maratonista do mundo, agora com a sua bandeira no mastro e o hino a ser tocado.

Em 2012 em Londres, nos últimos Jogos, a Coreia ficou em quinto lugar no quadro de medalhas. Obteve 13 ouros. O Japão apenas sete (se bem que no total, os sul-coreanos conseguiram 28 medalhas contra 38 dos japoneses). Hoje, a rivalidade entre os dois países é sobretudo desportiva, e também económica, mas subsiste entre os coreanos uma desconfiança em relação ao vizinho que vem desses tempos de colonização na primeira metade do século XX. No Museu Nacional da Coreia, o antigo elmo de bronze oferecido a Sohn há 80 anos está agora exposto como "tesouro nacional 904".

## **BIBLIOGRAFIA**

- BONG-YOUN Choy, Korea - a History, Charles E. Tuttle Company, Rutland, 1971.  
HILTON, Christopher, Hitler's Olympics, The History Press, Brimscombe Port, 2011.  
LANKOV, Andrei, "Sohn Kee-chung - 1936 Berlin Olympic Marathon Winner", in Korea Times, Seoul, 11/10/2014.  
PARIENTÉ, Robert e LAGORCE, Guy, Histoire des Jeux Olympiques, Minerve, Paris, 2004.

## **Leonídio Ferreira**

2000, Mestre em Estudos Americanos pela Universidade Aberta de Lisboa, aprovado com Muito Bom com Distinção; 1994, Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, com média final de 15 valores; 2014 a ..., doutorando em História Contemporânea na Universidade de Évora (Primeiro ano finalizado com 18 valores)

De 1992 a 2000, jornalista da secção Internacional do Diário de Notícias; De 2000 a 2002, editor-adjunto da secção Internacional do Diário de Notícias; De 2002 a 2007, editor-executivo adjunto do Diário de Notícias; De 2007 a 2010, editor-executivo do Diário de Notícias; De 2010 a 2014, subdiretor do Diário de Notícias; De 2014 a ..., editor-executivo do Diário de Notícias (edições de fim de semana).

De 1999 a 2005, equiparado a assistente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal e de 2005 a 2007, equiparado a professor-adjunto na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Participação com dois textos na obra coletiva Retratos de Ontem (Editorial Notícias, 1994), sobre os 20 anos da revolução do 25 de Abril de 1974. Co-autor com Jorge Andrade de Instituto Politécnico de Setúbal - 25 anos de História (IPS, 2004).

## **CORTINA 1956: THE FIRST COLD WAR WINTER OLYMPICS**

**Nicola Sbeti**

University of Bologna

If we look at the history of the Winter Olympic Games from a political perspective, the VII edition, which was held in Cortina d'Ampezzo from the 26<sup>th</sup> of January to the 5<sup>th</sup> of February 1956, represent an important cleavage. In fact, before 1956, the Winter Olympic Games were merely a small event in which Scandinavian countries competed against Alpine ones and the only non-European countries competing were Canada and the USA. The 1956 games represent a moment of change, not only because they were the first games (summer or winter) broadcast live and abroad, but because they saw the Winter Olympic debut of the Soviet athletes, who, in fact, finished first in the 'unofficial' medal table. From that moment on, the slopes and the ice rinks became a battlefield of the ongoing Cold War in much the same way as the athletic tracks and basketball courts had done since 1952. The other relevant debut during those games, from a political point of view, was that of the unified German team; a status that had been imposed by the IOC despite the division between East and West Germany.

The aim of this work, that is part of a broader post-doctorate project, is to research, with an historical-political approach, the 1956 Olympic Games in three main aspects. First, it will be analysed how the Italian democratic government used the event in order to promote a better image of Italy and to distance itself from its fascist past. Second, the impact of the Cold war, at national and international level, in the preparation and in the development of the Cortina Olympics will be evaluated. At national level, it will be researched how the two main Italian political parties, the Italian Communist Party (PCI) and the Christian Democrat Party (DC), dealt with the Soviet Participation. At international level, it will be researched how the games, despite being held at the height of 'Détente', contributed to shape a "cold sporting war" not only in summer games but also in those of the winter. Finally, the manner in which a non-state organization such as the IOC dealt with the needs of the organizing country and the two Superpower National Olympic Committees will be researched.

The sources used to write this work are mainly documents coming from the archives of the Italian Foreign Minister from the Italian Cabinet Office, from the International Olympic Committee, from the Italian National Olympic Committee and from the 1956 Cortina Organising Committee. Furthermore, Italian political and sporting newspapers and the existent literature will also be taken into account.

## Nicola Sbeti, PhD.

Reserch Fellow of the University of Bologna <https://www.unibo.it/sitoweb/nicola.sbeti2>

Vice President of the Scientific Committee of the Italian Society of Sport History (Società Italiana di Storia dello Sport – SISS).

Member of the *European Committee for the History of Sport* (CESH) since 2011.

IOC Grant holder in 2014.

### Publications

#### Books

V. Piccioni, G. Bondini, I. Maiorella, N. Sbeti, (a cura di) *Ai vostri posti. Lo sport, le Olimpiadi, i campioni che hanno vinto e quelli che non ce l'hanno fatta*, Roma, Booklab, 2016, pp. 279.

N. Sbeti, *Giochi di Potere. Olimpiadi e politica da Atene a Londra 1896-2012*, Firenze, Le Monnier, 2012, pp. 287.

#### Book Chapters

N. Sbeti, *Prefazione*, in V. Paliotto, *Estadio Nacional il gol più triste*, Urbone, 2014, pp. 3-6.

N. Sbeti, *Panem, pecuniam et circenses: la strategia sportiva di Putin*, in *La Russia di Sochi 2014. Giochi olimpici, Caucaso e geopolitica*, «iMerica», 2014, pp. 125-135.

N. Sbeti, *Breve storia della Russia a cinque cerchi*, in *La Russia di Sochi 2014. Giochi olimpici, Caucaso e geopolitica*, «iMerica», 2014, pp. 140-148.

F. Petroni, S. Piras, N. Sbeti, *Introduzione*, in *La Russia di Sochi 2014. Giochi olimpici, Caucaso e geopolitica*, «iMerica», 2014, pp. 11-17.

F. Petroni, S. Piras, N. Sbeti, *Conclusione*, in *La Russia di Sochi 2014. Giochi olimpici, Caucaso e geopolitica*, «iMerica», 2014, pp. 254-58.

N. Sbeti, *Vancouver 2010*, in *Le Olimpiadi*, Roma, Enciclopedia Treccani, 2012.

N. Sbeti, *Il valore della simbologia sportiva in Italia, Francia e Inghilterra*, atti del 7° convegno nazionale annuale UNASCI, Sport e Identità Nazionale. 150 anni di sport nell'Italia Unita, Pozzuoli 1 ottobre 2011.

#### Journal Articles

N. Sbeti, *Le identità europee nello sport*, «Altre modernità», n° 14, 2015, pp. 101-113.

N. Sbeti, *“Lo Sport Illustrato” e la grande guerra (1913-1915)*, in *Lo sport alla Grande Guerra*, n° 4 «Quaderni della Società Italiana di Storia dello Sport», 2015, pp. 244-249.

N. Sbeti, *La bandiera a quattro cerchi dei Giochi di sua Maestà*, «Limes», n° 10, ottobre 2014, pp. 95-101.

F. Petroni e N. Sbeti, *Geopolitica del Mundial*, «Limes», n° 6, giugno 2014, pp. 169-77.

F. Petroni e N. Sbeti, *Il senso di Soči per la neve*, «Limes», n° 2, febbraio 2014, pp. 39-46.

N. Sbeti, *L'edificio olimpico coubertiniano come strumento pedagogico internazionale*, «Pedagogika.it», XVII – 3, 2013, pp. 57-61.

N. Sbeti, *Se lo sport fa l'Europa. Lo sport come acceleratore dei processi di integrazione*, in «Lancillotto e Nausica», n. 1-3, 2012, pp. 34-39.

N. Sbeti, *Dagli oriundi ai nuovi italiani*, in Sport e altre storie, «Il Calendario del Popolo», n° 758, 2012.

N. Sbeti, *L'insalatiera insanguinata. 1976 la finale di coppa Davis a Santiago del Cile attraverso la stampa italiana*, in «Lancillotto e Nausica», n. 1-3 2011, pp. 104-111.

N. Sbeti, *La corsa di Roma verso il 2020. Analisi degli elementi alla base della sfida con le altre città candidate*, in «Educazione fisica e sport nella scuola», anno LXIV, n 234, novembre-dicembre 2011.

#### **Research Reports**

N. Sbeti, *Italy and the Olympic Movement after the second World War: from exclusion to glory*, IOC Olympic Studies Centre Postgraduate Research Grant Programme 2014. Disponibile presso la biblioteca digitale del CIO: <http://doc.rero.ch/record/255153>

#### **Book Reviews**

*The Palgrave Handbook of Olympic Studies*, «The International Journal of the History of Sport», Vol. 32, Iss. 2, 2015, pp. 370-1.

*Sport and the British: a modern history*, in «Lancillotto e Nausica», n. 1-3, 2012, p. 210.

## OLYMPICS IN THE TIME OF COLD WAR

**Cristiana Lucretia Pop**

Bucharest University of Economic Studies

From the beginning, the modern Olympic Games were part of world culture and modern history, reflecting political tensions, economic crises, cultural flowering, and technological development. The 1950's were marked by the arms race and the fear of a possible nuclear war between the US and the Union of Soviet Socialist Republics (USSR). The "Cold War" began and propaganda was rife. Sports were used as a vehicle for superiority of one political regime over the other. Totalitarian regimes have continued the idea of creating a new man, a Nazi concept, extended afterwards in communist ideology. This new man prioritised his physical attributes, working incessantly, but with his spirit severely censored. Champion athletes were used for propaganda purposes as models for the supremacy of communism, because their international visibility in sports competitions. The Soviet model in physical education and sport model domain was replicated in other countries from the Eastern Bloc, as German Democratic Republic, Bulgaria, Romania, Poland, or overseas, in Republic of Cuba. In counterpart the USA, after losing the top nation position in favor of Soviet Union in 1956 and 1960, considered winning in Olympic Games a matter of national prestige. The athlete for whom the flag is hoisted and the national anthem is sung, is the bearer of this prestige and his or her image is inevitably associated with the country and system effectiveness.

As an insider I know that the financial and organizational efforts of communist countries for a successful performance in important sporting events were substantial and politically coordinated. The sport men and women in national teams, especially in Olympic sports, had special training conditions, special food supplies while strict rationing was imposed for ordinary people and the privilege to travel abroad while the wide majority of population had no passport.

The "sporting Cold War" determined also some excesses and harmful experiments over the social life and health of athletes. In USSR the athletes were required to stay in training camps almost all year, with short breaks to see their families after the competition season was over. In East Germany the athletes were systematically doped and the records of substances and dosage were kept in Stasi (secret service) files. From that time remained Marita Koch's 400m world record (47.6 s) and since then no other woman athlete has come close to break it. On the other part of iron curtain the use of banned substances had a few notorious victims also, among them Ben Johnson, men's 100 m winner in Seoul, 1988.

In the Olympics arena, the Cold War culminates in the boycott of the 1980 and 1984 Games. The US did not participate at the event held in Moscow, in protest against the Soviet invasion of Afghanistan. A further 60 nations supported this position, leaving the Games less competitive and offering the host country the opportunity to dominate the classification. In retaliation, the next Games, held in Los Angeles in 1984 were boycotted by the USSR, who expressed doubts about security measures. Fifteen nations, influenced by the communist power supported the boycott. Romania, a communist country as well, had a different position and sent a delegation to Los Angeles, which was welcomed with sympathy in the opening ceremony and achieved a record of 53 medals, of which 20 were gold.

Following those consecutive boycotts, in 1986 have been initiated The Goodwill Games as a way to bring Soviet and American athletes back together in a competition which was aiming to replicate the Olympic final events. Before the Goodwill Games second edition in 1990, historical

events have occurred in Europe: the Berlin Wall had fallen; the Soviet Union was collapsing and the competition purpose vanished in time.

Changes in the international political landscape since 1989 were reflected in the Olympic Games in Barcelona 1992 participation. Among the 172 nations participating were, the reunified Germany, the United Team of Russia and 11 other former Soviet republics, the Baltic republics (Estonia, Lithuania and Latvia - for the first time since separation from the USSR), and South Africa (suspended since 1960 until it outlawed Apartheid). The former Yugoslavian republics also participated with their first separate sports delegations. In Barcelona, for the first time since 1972, no country boycotted the Olympic competition.

### **Cristiana Lucretia Pop**

I currently work as professor in Bucharest University of Economic Studies, Physical Education and Sport Department. I have a BA and PhD in Physical Education and Sport domain from the National University of Physical Education and Sports, Bucharest, Romania and a MA in management from the Bucharest University of Economic Studies.

#### **Teaching experience:**

Track and field trainer 1987-1995

Physical education and health classes in higher education since 1995.

I authored 6 books and coauthored 4 related with management, communication and pedagogy in physical education, mainly in higher education; among them: Physical Activities Management in Higher Education (2015), Athletics for Students (2013); Communication in Physical Education and Sport (2014).

I have published over 30 articles in journals and proceedings indexed in international databases, some of them related with modern Olympic Games.

#### **Editorial activity:**

- Senior editor for Marathon Review – an interdisciplinary review of human motility edited by Physical Education and Sport Department of Bucharest Economic Studies University - <http://www.marathon.ase.ro//>

-Editor in chief for Journal of Educational Research and Studies - PEAK Journals [www.peakjournals.org/JEARS-ed\\_board.html](http://www.peakjournals.org/JEARS-ed_board.html)

- In the editorial board of Wudpecker Journal of Educational Research - <http://www.wudpeckerresearchjournals.org/WJER/index.php>

- Reviewer for Journal of Sports Science, <http://www.davidpublisher.org/index>.

#### **Societies:**

-Romanian Athletic Federation – Women Commission member;

-National expert for Quality in Higher Education, Physical Education Commission since 2014;

-Anthropology Institute Francisc Reiner Bucharest – associate researcher in biomedical department;

-Member in Management Faculty Council (ESU Bucharest) with didactic responsibilities.

**Professional expertise:** Physical education, educational management, athletics (track and field), quality in higher education, Olympic history, physical anthropology



## **USING OLYMPIC MOVEMENT IN THE COLD WAR: THE DEVELOPMENT OF PHYSICAL CULTURE AND SPORT IN THE USSR (1945-1965)**

**Karina Ovsepyan**

European University at St. Petersburg

In my presentation, I want to tell about the peculiarities and problems of the organization of the sports movement in Leningrad after the USSR joining the international Olympic Committee (IOC) in the context of the cold war confrontation. The USSR participation in international sports competitions envisaged the search and training of talented athletes, organized through mass involvement of the population in physical activity and sport. Using Leningrad (now St.Petersburg) as a case, and to define some limits, I want to consider the features of this process

After World War II, the Soviet Union violated its international isolation in sport. USSR joined a number of sports federations (in 1946 in football and weightlifting, volleyball in 1948, and others), and was preparing to join the International Olympic Committee (IOC), which meant an opportunity for Soviet athletes to participate in the Olympic Games. Two important statements were taken during this period – in 1947 and 1948. The development of sports in the country was presented as a task of state importance.

Transcripts of plenaries and Komsomol and trade union assets of the city serve as an important source for the analysis of the organization of the sport movement in the city - they discussed the problems involving large masses of the population in sports and regular exercise.

Of course, physical culture and sport was seen as a means of educating and organizing the young. However, with the appearance of Soviet sport in the international arena, the youth were considered a sizeable talent pool to eventually represent the city and country at the sports events. The plenum reports and texts show that in their pursuit of the development of sport and physical culture (recreational, educational, labor, defense), the Soviet authorities carried out their main task of filling out the national teams of Leningrad and the Soviet Union. The working or studying youth were engaged in collectives of physical education and in sports competitions of various levels. The increased number of children's sports schools indicates the rejuvenation of the "big" sports and the special training of young athletes. The Leningrad sport movement also resulted in some changes to urban infrastructure - the construction of schools with gyms, the appearance of simple sports facilities in the districts and businesses, and the creation of several major sports buildings. The sources also indicate that an increasing advantage was given to the most promising youth, and not to everyone. Thus, despite there were different ideas and different purposes of sport development and mass people involvement in sport in the USSR an unspoken need to prepare superior athletes for competitions, all-Union or international, prevailed as it followed from the sources and newspapers discourse. The result of which was a lack of care for amateurs or those who simply wished to practice sport for themselves. This, in my opinion, is evidenced by the fact that the sport gradually from a mass phenomenon became elitist.

## **Karina Ovsepyan**

### **Education**

2013 – now, PhD-student, European University at St. Petersburg, History department;  
2011-2013, European University at St. Petersburg, Master of History;  
2004-2009, Krasnodar State University of Culture and Art, Krasnodar, Diploma, Museum Studies.

### **Conferences**

2015 The Vth Meeting of Young Researchers in Modern and Contemporary History, panel “Bend it Like Europe” (1945-1989): Sports, Politics and the Cold War, 14-15 July, Barcelona, Spain.

2015 Scientific research center “Memorial”. Conference “Biografika”. 20-22 April,

2015. St. Petersburg, Russia. 2015 Russian State Archive of Social and Political History (RGASPI), The Vth international conference of young specialists and scientists “Clio-2015”, 8-9 April 2015. Moscow, Russia.

2014 Vyatka State University of Humanities, Conference ‘Sport as a cultural phenomenon in the space of interdisciplinary studies’, Kirov, Russia.

2014 Hofstra University. Soccer as a Beautiful Game: Football’s Artistry, Identity and Politics. 10-12 April, 2014. Hempstead, New York, USA.

### **Summer schools**

24-31 July 2015 Summer school “Late Socialism: the Forgotten Years between Stalinism and Perestroika”, Tallinn, Estonia.

### **Publications**

1. The revival of sports in the USSR in the first postwar period (on the material of Leningrad) // The collection of materials of the Fifth international conference of young scientists and specialists "Clio-2015", Moscow, 2015. Pp.255-258. In Russian.

2. Leningrad Invites White Olympics”: The History of One Failed Olympic Bid of the USSR // Sport as a cultural phenomenon in the space of interdisciplinary studies: materials of all-Russian scientific conference. Kirov, 2015. Pp.108-113. In Russian.

## UNITED IN MOURNING? THE OLYMPIC MOVEMENT AND THE TERRORIST ATTACK AT THE 1972 MUNICH OLYMPICS

**Marc Brueggemann**

Hebrew University Jerusalem e Free University Berlin

“Olympism is a philosophy of life, exalting and combining in a balanced whole the qualities of body, will and mind. Blending sport with culture and education, Olympism seeks to create a way of life based on the joy of effort, the educational value of good example, social responsibility and respect for universal fundamental ethical principles.”

Olympic Charter, Paragraph 1 of the Fundamental Principles of Olympism

According to the Olympic Charter, the Olympic movement, founded on the heights of the European nationalism in 1894, should have been primarily free of political dimensions. But very soon the Olympic Movement gained its political potential – it was obvious that hosting the Games is the best image campaign for the respective country. Furthermore it is also regardless to the Olympic Charter the most ensuing possibility for specific interest groups to propagate their own interests.

In this context, my lecture is dealing with the XX. Olympic Games in Munich 1972. The concept of this games provided an until today unique framework of literally openness, transparency and easiness – but this event also changed the face of the Olympic Movement according to the incident of the terrorist attack against parts of the participating Israeli team forever. I am going to be focused to deal with the three most significant affected aspects of the connected complex field of tensions: political dimension, threat of terrorismo and the changed relations between Germany and Israel. All three components shaped the shared collective memory not just of the two effected countries but also of the Olympic Movement.

Germany wanted to present itself as an outstanding and fundamentally modernized host in holding the Olympic Games of 1972 in Munich, just 27 years after World War II. The inability of the government to prevent the terrorist attack lead to the foundation of a special counter-terrorism special unit GSG9 in West Germany right after the End of the Olympic Games and also to a variety of new public policies all around the world.

Although the terror attack against the Olympic movement was the turning point in the international perception of terrorism in this time, its inner dimension faded out quickly until a wide range of terrorist attacks in the years after the millennium turn hit in particular the western world. Since then the commemoration return in Germany and Israel and furthermore to international audience due to international film adaptations.

For the Israeli team and also for the Israeli society was the participation in the same Olympic Games of a high importance but also a cause for controversy. In the center of the controversy was not only travelling to the country which had pursued the annihilation of the entire Jewish ethnic group only few years ago but also to compete with the descendants of the perpetrators in athletic competition. But the tragic end of the hostage tacking proofed that both societies were not only affected by terror but also able to handle this situation in a way of a closer co-operation in the fields of sport, education and culture, which emphasize the necessity and the very currency of the Ideas of Pierre de Coubertin, as I quoted it in the beginning.

The terrorist attack in Munich overshadows the Olympic movement to the very present, not just in the paradigm shift of the particular security policies of the following host countries. Two monuments in the Munich Olympic Park area are already symbolizing that the principles of the Olympic idea, are ideas of life, a life which is stronger than external threats. The continuity of awareness will be symbolized in a third monument what is going to be inaugurated on September 5, 2016. Although during all of the past Olympic Games the Israeli victims became commemorated in every single host city, in 2016 this commemoration is moreover going to be included for the first time to the closing ceremony of the Olympic Games in Rio de Janeiro. This change not only leads it to a wider and higher consideration in a time which is highly dominated from terrorism, but also to a shining symbol, that the Olympic Family will never forget.

## **Marc Brueggemann**

### **Education**

10/2015, Jerusalem (ISL) and Berlin (GER) - HEBREW UNIVERSITY JERUSALEM – FREE, UNIVERSITY BERLIN. Joint Ph.D. Program in the field of Modern and Contemporary History (Estimated graduation: 2017).

10/2009 – 02/2015, Munich (GER) - LUDWIG-MAXIMILIANS-UNIVERSITY MUNICH. Master's course in Jewish History, Medieval History and Modern German Literature. (Degree: M.A. 1,6).

06/2013-03/2014, Jerusalem (ISL) - HEBREW UNIVERSITY JERUSALEM, ROTHBERG. INTERNATIONAL SCHOOL, SEMESTER ABROAD. Focused: Jewish-Israeli History, Politics and Modern Hebrew (Average score: 1,4).

08/1998 – 06/2009, Muenster (GER) - JOHANN-CONRAD-SCHLAUN- GYMNASIUM. Abitur (German school leaving examination). AP classes: History, German, Politics (Abitur grade: 3,1).

### **Professional Experience**

02/2014 – 06/2014, Munich (GER) - JEWISH MUSEUM MUNICH (JMM). (Student employer) Visitor support, customized promoting of the thematic aspects, guided tours as well as pedagogical preparation and follow up processing.

10/2013 – 02/2014, Jerusalem (ISL) - LEO-BAECK-INSTITUT JERUSALEM. (Intern) Institut Assistant. Own project for reorganization and restructuring of the Instituts Library and Archives

09/2012 – 01/2016, Munich (GER) - TENGELMANN CUSTOMERS SERVICE  
. (Student employer) Administration, Controlling, canvassing of customers

07/2011 – 10/2011, Jerusalem (ISL) - HOSPITAL: HOSPICE ST. VINCENT JERUSALEM. (Intern) Health care giver in a Home for handicapped children (daily nursing care, therapy) and office administration (including organization of hospital issues, health plans and found raising)

### **Publications**

Brüggemann, Marc: Von der Vision zur Realität, oder: Wer ist Manya Shohat? (From Vision to Reality, or: who is Manya Shoat? Article in German), IN: aventinus varia Nr. 45, In: aventinus, URL: [http://www.aventinus-online.de/no\\_cache/persistent/artikel/9858/](http://www.aventinus-online.de/no_cache/persistent/artikel/9858/) [latest opened: 01.03.2016]

## **SPORT TOURISM, TERRORISM & PSYCHOANALYSIS. A REFLECTION ON CONTEMPORARY EVENTS FROM HEYSEL PARK TO THE 2016 OLYMPICS**

**Cristina Carvalho e Alexandre Silva,**

ESHTE

Sport tourism is presented by George & Swart (2012) as a profitable industry and a key factor for destination branding. Safety is an intangible asset considered by tourists when choosing a destination, and while sporting mega-events imply a great deal of perceived risk, they are also followed by repeat visits by the same fans who attended the meetings. When in 1896 the Olympic Games were revived by Pierre de Coubertin (whose 1914 flag displays five interlaced rings to recall the continents' and athletes' bonds), the aim was to recover the Ancient philosophy of transnational respect for cultural, religious, political, linguistic and ethnical diversity. The principles included in the *Olympic Charter* are indeed quite similar to Article 1 of the 2001 *Global Code of Ethics for Tourism*.

The 1985 *European Convention on Spectator Behaviour* appeared after Heysel Park's hooliganism-derived tragedy and since 1999 the *EU-Handbook for International Police Cooperation* helps host countries of sporting events unfolding new tactics to ensure image success and diminish the risk of violence with the assistance of professional and civilian forces. The evolution of promotional and safety strategies justified UEFA's praise to Portugal's Euro 2004 organisation, with the country projecting its culture, identity, hospitality, destinations, and tranquility through an updated image branded with the Media support. As Getz (2007) defends, events are key motivators for the development of marketing strategies by destinations, besides assisting in fostering identities and renewing host countries' structures and cultural bonds, bearing impacts in economic and positioning terms.

Sport and Terrorism are prevalent topics of contemporary life, with immediate reactions deriving from their extense media promotion (Hassan, 2012). On the other hand, Tourism and Terrorism rely both on the widespread of technology and media coverage: the former to foster free circulation towards peaceful intents, and the latter to spread terror and demoralise the western societies' *modus vivendi* (Korstanje & Clayton, 2012). Therefore, crisis management ranges from prevention to containment and redesign with Tarlow writing about 'Travel Surety' as a full package to convey by host countries to appease visitors' doubts (Paraskevas & Arendell, 2007).

Toohy & Taylor's (2007/2008) studies sustain that terrorists gamble on fear at mega-events, but sport events are also sites of resistance since fans dare to defy the terrorists's delusion of victory by attending and enjoying the shows. A similar reaction has been recently perceived after Paris' Bataclan's attack when French and visitors rebelled by singing together for Peace, laying flowers to honour the victims and maintaining their daily lifestyles, proving terrorism must too be fought by civilians, the main casualties of these attacks since 9/11. And they are ready to withstand anything that might happen in the 2016 summer during the Euro in France and the Olympics in Rio (besides the Zika Virus). At an Olympic level, the dark cloud of terror hovers since the 1972 Munich Games' Israeli hostages' crisis, the 1996 Atlanta Games' bombing, and the current anxiety of similar threats in Rio, which have imposed restrictions that bother residents more than they do the attendants. In theoretical terms, Atkinson & Young (2012) go even further recovering Baudrillard's concept of 'Non-events' to stress the hyperrealism or exaggeration constructed *via* media promotion of terrorist actions, which is even used by governments to control its own population and rehearse anti-terrorist measures on the eve of major sporting displays. Psychoanalysis has been developing an increasing interest in group phenomena, and psychanalytic concepts are a very helpful tool to think about these issues.

Terrorists act as an expression of religious fundamentalism and can be seen as a social disease with origins in the lack of a well-established identity, leaving an empty space for fulfillment with this ideal acritical and psychotic relation to God. Fundamentalism eliminates differences between societies, destroying lives, monuments, art works, and history, while mega events are the expression of an organized thought from nations and societies where respect for the differences is accepted, welcomed and celebrated.

This empirical paper focus on sporting mega-events' threats (from Heysel Park in 1985 to the 2016 Olympics in Rio) and on how police forces and destinations have been improving skills to welcome fans, avoid chaos, allow free mobility, reinforce national bonds, defend cultural diversity, ensure safety, and improve the international perception of the host country's image. 'Swifter, Higher, Stronger' is now the motto of mega-events' organisers, athletes', fans and residents, joined in an ethical coalition that will stand tall against terrorism through mental resistance.

### **Key words**

Destinations, Group Psychology, Mega-events, Psychoanalysis, Sport Tourism, Terrorism.

### **Cristina Carvalho**

has a Ph.D in History, a masters degree in English Studies, and a graduate degree in Tourism Information. For nearly 15 years she has been teaching at the Estoril Higher Institute for Tourism and Hotel Studies (ESHTE), and worked as Tour Guide prior to the academic career.

Her 2012 Ph.D was entitled *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*, and in May 2014 she coordinated the seminar *Os 100 Anos do Projecto Estoril: 1914-2014*, which celebrated ESHTE's 23<sup>rd</sup> anniversary and Cascais Municipality's 650<sup>th</sup>. She was also a member of the scientific and executive commissions of the *4th Edition of the International Research Forum on Guided Tours – IRFGT 2015* organised by ESHTE in March 2015.

A member of Lisbon University History Centre, the investigator has articles published at national and international levels in the fields of History of Tourism, Leisure, Cultural Tourism and History of England. Among those one might indicate the following: *The Shifting Shades of Elegance on Display in 1930s Estoril: When Tourism meets Fashion* (2015); *The Estoril-Cascais resorts & Sports in the 1930s: Golf, Car races, and Regattas* (2015); *Anglophone Perceptions on the Estoril-Cascais resorts back in the 1930s* (2014); *The Tourist Revival of Charles II's London* (2013); *21st-Century Cascais: How the waves of Time forged a Cultural Heritage also enjoyed by Tourists* (2012).

### **Alexandre Silva**

has a Graduate Degree in Psychology, and a large experience as a Clinical Psychologist and Psychotherapist. In the last 18 years, he has been working as a Psychotherapist in both individual and group settings.

He is a member of the Portuguese Psychoanalytic Psychodrama Society, and has a certification in Pesso Boyden System Psychomotor Therapy.

## **INTERNATIONAL SPORTS BOYCOTTS AS A RESPONSE TO UDI, 1965-1980**

**Charles Little**

London Metropolitan University

Amongst the reactions to Ian Smith's Unilateral Declaration of Independence (UDI), the campaign to isolate and ban Rhodesia from competing in international sport is perhaps one of the least well known. Moreover, when the boycott has been mentioned, it is usually portrayed as an appendix to the much higher-profile sports boycott against Apartheid-era South Africa. However the efforts to isolate Rhodesian and South African had several critical differences. Most notably, unlike the initial campaign against apartheid sport in South Africa, the fundamental rationale behind the boycott against Rhodesia was always centred on the nature and legitimacy of the Smith regime rather than on racial issues within Rhodesian sport itself. Sport thus became a tool of the wider campaign to deny the legitimacy of Rhodesian independence and nationhood, which actually presaged the turn that anti-Apartheid boycott would take in the late 1970s.

Unlike the sporting boycott against South Africa, which was largely driven by non-government activist groups, the sanctions against Rhodesia were instigated at the state level. Drawing extensively upon archival sources (including British, Irish, Canadian, New Zealand and Commonwealth records, alongside the papers of international sporting federations and Rhodesian newspaper sources) this chapter will show that ways that diplomats, often unused to dealing with sport in their professional capacities, sought to isolate Rhodesia. It also provides further insight into the particular challenges faced by the British government in responding to the Rhodesian crisis, with the Government forced to balance domestic political considerations (including widespread public support for the Rhodesian cause and a popular aversion to mixing politics with sport) against demands from the Commonwealth to take decisive action against Rhodesia.

The sports boycott also served to place the issue of Rhodesia onto the political agenda of countries that had otherwise little direct involvement with the wider sanctions against UDI. Because of sport, Rhodesia became an issue that the likes of Mexico and West Germany were forced to grapple with in order to avoid damaging their own prestige as Olympic hosts. Across cricket, golf, rugby union, the Paralympis, and many other sports, countries as diverse as Argentina, Barbados, Israel and Malaysia found themselves unexpectedly drawn into the sanctions campaign. Even an event as seemingly low profile as the World Ploughing Championships could become, as the Irish Department of Foreign Affairs discovered, "the most difficult 'Rhodesia Problem' the Department has faced", highlighting the necessity of considering the sports boycott within any analysis of UDI and its impacts.

### **Charles Little**

Dr. Charles Little is a Senior Lecturer in Sports Business Management at London Metropolitan University.

He has published widely across a range of academic journals, including a number of articles addressing sport, international relations and boycotts. These have included a number of studies focusing on the international sports boycott against Rhodesia.

He recently served as regional editor for Asia for the ABC-Clio Project *Sports History Around the World: History, Culture, Practice*. As well as this teaching and research, he has also worked as a consultant for the Islamic Federation of Women's Sport to develop best practice within the management of women's sport in Iran.



## **THE SOVIETS MUST BE TOLD: MOVE THE GAMES FROM MOSCOW! A HUMAN RIGHTS APPROACH TO THE 1980 OLYMPIC BOYCOTT**

**Umberto Tulli**

University of Trento

In recent years, the human rights impacts of the Olympic Games have become a familiar feature of international discussions preceding the opening of the sport mega event. Before the 2008 Summer Olympic Games in Beijing, global news reports headlined controversies over China's long list of political prisoners, its suppression of the Falun Gong, its support of Sudan's genocidal campaign in Darfur, and its brutal treatment of Tibetan nationalists. At the recent Sochi Winter Olympic Games, much of the global media was transfixed by a debate over Russia's anti-gay "propaganda" law and its hostile climate for LGBT rights. Economic rights in connection with the 2016 Rio Olympics are now in the spotlight, and with the prospect of the 2022 Winter Olympic Games being held in a repressive dictatorship, we can be sure that human rights issues will remain on the Olympic agenda.

In a forthcoming work, prominent historian Barbara Keys argues that the formative moment for the human rights-Olympic nexus should be found in the late 1980s early 1990s. With the end of the Cold War, human rights provided a central political narrative for the Games. Yet, this paper will argue that human rights concerns moved to center stage in the mid-Seventies, when human rights NGOs and conservative politicians in Western Europe and the United States protested IOC's decision to award Moscow the right to organize the Games, given the well-known repression of political dissident. Based on recently declassified primary sources from the IOC archives, American and European archival repository, and intertwining different historical approaches and perspectives (namely Cold War history, human rights history, Olympic studies and human rights history), the paper will highlight three major points.

Firstly, on a very general level, the paper will argue that sports relations between East and West both shaped and mirrored political relations. The decision to award Moscow the 1980 Olympic Games was deeply rooted in bipolar détente. Although peripheral in the crowded web of treaties signed in the Seventies between East and West, both sides of the Iron Curtain signed agreements and protocols to reinforce sports dialogue, while National Olympic Committees developed several exchange and cooperation programs. Yet, after the signing of the Helsinki agreements, political relations between the United States and the Soviet Union deteriorated and a growing controversy emerged in the United States and other Western Countries on the appropriateness of holding the Olympic events in the Soviet Union. Given the blatant violations of human rights in the USSR – many argued – Soviet policy was in opposition with both the Olympic Charter and détente. Consequently, according to them, the Soviets had lost the right to host the Games .

Secondly, after the Soviets invaded Afghanistan in December 1979, human rights did not disappear from Jimmy Carter's attempt to explain the rationale for the American-led boycott. Yet, security concerns became prominent in the American effort to sell the boycott, both domestically and internationally.

Finally, focusing on the political debate which developed in Western Europe on the American proposal to boycott the 1980 Moscow Games, the paper will argue that Western Europeans paid more attention to human rights than the military aggression. In particular, the paper will argue that the European Parliament endorsed the boycott for its political attention to human rights. It will argue that the European Parliament, that was elected for the first time in 1979, used human rights to assert itself in the EC political arena.

## Umberto Tulli

### Current Positions:

- Since January 2014: **Postdoctoral Fellow**, School of International Studies, University of Trento.
- Since January 2014: **Honorary Teaching Fellow** in Contemporary History, Department of Political Sciences, University of Macerata.

### Previous Appointments:

- 2014: **Visiting Fellow**, European Union Center of Excellence, University of Pittsburgh.
- 2012-2013: **Postdoctoral Fellow**, Department of Political Sciences, University of Bologna.
- 2013: **Visiting Scholar**, Mario Einaudi Center for International Studies, Cornell University.
- 2012-2014: **Teaching Fellow**, International History, University of Bologna, Forlì Campus.
- 2010-2013: **Honorary Fellow**, Università di Bologna, School of Political Sciences, Forlì Campus.
- 2008: **Visiting PhD Student**, Davis Center for Russian and Eurasian Studies, Harvard University.

### Major Publications:

#### Books:

- Tulli, U., *Breve Storia delle Olimpiadi. Lo sport, la politica da De Coubertin a oggi*, Roma, Carocci, 2012
- Tulli, U., *Tra diritti umani e distensione. L'Amministrazione Carter e il dissenso in Urss*, Milano, FrancoAngeli, 2013.

#### Peer-Reviewed Articles:

- Tulli, U., "Tra diritti umani e distensione. L'amministrazione Carter, il Congresso e l'Unione Sovietica", *Contemporanea. Rivista di storia dell'800 e del '900*, n.2/2010.
- Tulli, U., "Whose Rights Are Human Rights? The Ambiguous Emergence of Human Rights and the Demise of Kissingerism", *Cold War History*, Vol. 12, Issue 4, 2012.
- Tulli, U., "Boicottate le Olimpiadi del Gulag! I diritti umani e la campagna contro le Olimpiadi di Mosca", *Ricerche di Storia Politica*, n. 1/2013.
- Tulli, U., "Electing the European Parliament. Some Historiographical Notes", *The International History Review*, Vol. 38, Issue 1 (2016)
- Tulli, U. (forthcoming: 2016), "The Search for a European Identity in the Long 1970s: External Relations and Institutional Evolution in the EC", *Contemporary European History*.

**Chapters in edited volumes:**

- Tulli U., “Lo Sport americano e la Guerra fredda”, in A. Teja, S. Giuntini, M. M. Palandri, *Sport e Identità. Quaderni della Società Italiana di Storia dello Sport*, vol. 1, 2013.
- Tulli U., “Mr Business ha vinto. Le Olimpiadi di Los Angeles, il Laoc e la ridefinizione dell'economia internazionale”, in *Quaderni della Società Italiana di Storia dello Sport*, 2014.
- Tulli, U., “La Minaccia Saudita”, in AA.VV., *La Russia di Sochi 2014: Giochi olimpici, Caucaso e geopolitica*, Bologna, LimesClub e iMerica!, 2014.
- Tulli. U., “Stati Uniti e Russia dopo la Guerra Fredda”, in S. A. Bellezza (a cura di), *Atlante di Storia Russa*, Brescia, Edizioni La Scuola (2016)
- Tulli U., “Berlino 1936, Mosca 1980, Pechino 2008: Alcune note sul boicottaggio nelle Olimpiadi e il modello totalitario”, *Quaderni della Società Italiana di Storia dello Sport*, 2016.
- Tulli U. (forthcoming: 2016), 角逐金牌：罗纳德.里根与苏联对1984年奥运会的抵制, in Shen XhiHua (ed. by), *Proceedings of the International Forum for Post-Doctoral Scholars in Cold War International History Studies*, vol.2, Shanghai, East China Normal University Press and World Policy Affairs
- Tulli U., (forthcoming: 2016) “The Limits of the European Political Cooperation? The EC Members at the Belgrade CSCE Review Conference”, in G. Clemens (ed. by), *Europeanization of Foreign Policies. International Socialization in Intergovernmental Policy Fields and the example of the EPC/CFSP*
- Tulli U., (forthcoming: 2016), “«They used Americana, all painted and polished, to make the enormous impression they did». Selling the Reagan Revolution through the 1984 Olympic Games”, in J. Simon Rofe, *Sports and Diplomacy: Message, Mode, Metaphor?*, University of Manchester Press

## GESTURES OF OLYMPIANS AS AN EXPRESSION OF OBJECTION TO POLITICS

**Marlena Wyskok**

Eugeniusz Piasecki University of Physical Education in Poznań

I would like to present, how big meaning have political gestures of Olympians which were showing at the Olympic stadium. Many times Olympians showed different gestures during the Olympic contest, which had a political context. They used the Olympic Games as a tool of international politics. These competitors were in peculiar position which was caused by politics their states. They were states in which a freedom of expression and another human and civil rights were limited. Olympians wanted point out this issue in the international arena. I would like to illustrate this subject with three examples.

The first case took place in 1968 during the Olympic Games in Mexico City. African – American athletes Tommie Smith and John Carlos (first and third place in the men’s 200 meters race) stood on the medal podium shoeless and raised fists with black gloves. They kept raised fists until the American national anthem had finished. It was mainly a protest against racism, but especially against racial segregation in the United States and African – American poverty. For this political act, Smith and Carlos were excluded from the Games by the International Olympic Committee. All African – American were very proud of them, but in the beginning after return to the United States Smith and Carlos had problem in social life. It is one of the most political statements throughout the history of the modern Olympic Games.

The second example is too connected with the Olympic Games in Mexico City. Czech gymnast, Vera Caslavská placed second on the balance beam and first ex – aequo on the floor exercise with Soviet player Larisa Petrik. In the first case a winner was another Soviet players Natalija Kuczinskaja. In both medal ceremonies Vera Caslavská bowed her head down and to the right and quietly looked down as the Soviet national anthem was playing. In this way she protested against the Soviet invasion of Czechoslovakia in 1968. Caslavská supported the Czechoslovak democratization movement and opposed communist regime and domination what she showed clearly during the Olympic Games in Mexico City. Eventually she was not excluded from the Games as Smith and Carlos. However Caslavská had a problem after return to Czechoslovakia, where the government was still under Soviet control. She was forced into premature retirement and could not travel abroad. But to her no – communist compatriots she was as hero.

The third very popular example of political gesture in the Olympic stadium is so – called Kozakiewicz’ s gesture. The gesture is an arm bent to make an L – shape with the closed palm and the second hand hold the biceps of the bent arm, so it is a popular obscene gesture. Polish pole vault jumper, Władysław Kozakiewicz displayed it against hostile Russians spectators after winning the gold medal in the pole vault at the 1980 Olympic Games in Moscow. Spectators in Moscow supported a Soviet jumper Konstantin Volkov who placed second. The author of gesture did not want make a political gesture. It was only an expressions of emotions – joy after winning the Olympic Championship in front of hostile spectators. But eventually the gesture became a political gesture which meant objection to domination of Soviet Union in Poland. The event was broadcast live on TV, so the gesture was very fast known among the Polish people. This behaviour was very significant and meaningful at the beginning of the 1980s because Poland was in the midst of labor strikes which led to the creation of the trade union ‘Solidarność’ that played huge role in the end of communist rule in the Eastern Europe. After the event in Moscow the Soviet ambassador to Poland demanded that Kozakiewicz be stripped of his medal because he insulted the Soviet people. At the end Polish government replied that the gesture was caused by muscle spasm.

These three examples confirm that the Olympic Games have huge meaning in political activity, not only to politicians, but also to sportspeople and their countrymen. They can use the Olympic stadium as place where they show their national problems, although sometimes they pay very high price.

## **Marlena Wyskok**

### **Education**

Since 10/2015 - PhD Studies at the Eugeniusz Piasecki. University of Physical Education in Poznań

2010 - 2015 - Historical Studies at the Adam Mickiewicz. University in Poznań. Bachelor's thesis: Sport and Politic in Archaic Greece. Master's thesis: Football in the Third Reich.

### **Scholarship**

03 – 28/08/2015 - International language course (DAAD) at the Georg August University in Göttingen, Germany.

10/2013 – 08/2014 - Erasmus Scholarship at the Albert Ludwigs. University in Freiburg, Germany.

## A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DA COMUNICAÇÃO, CASE STUDY NOS JOGOS OLÍMPICOS<sup>5</sup>

**Katerina D. Barbosa**

Universidade de Grenoble, França

### Da História dos Jogos Olímpicos...

Em 1863 nasceu Pierre de Coubertin, filho da nobreza italiana e posteriormente finalista da “École des Sciences Politiques de Paris”. E foi graças à insistência e ao trabalho metódico de lobbying que ele desenvolveu que nasceram os Jogos Olímpicos modernos. O Barão Pierre de Coubertin tinha a visão de juntar os jovens numa competição como símbolo da compreensão do mundo e fomento da paz.

Em 1894 organizou-se em Paris o “Congrès International de Paris - Pour le retablissement des Jeux Olympiques”, onde Pierre de Coubertin encontrou Dimitris Vikelas, representante da Associação Pan-helénica de Ginástica, e apoiante vivo da mesma visão. Neste ano cria-se o Comité Olímpico Internacional e é decidido que os Jogos irão realizar-se todos os 4 anos.

Os Jogos Olímpicos tiveram um carácter elitista que se mantém até hoje; os atletas constituem ídolos da Sociedade.

O Novo Olimpismo ou Jogos Olímpicos modernos foram recriados em 1896. Realizaram-se em Atenas, com a participação de 311 atletas, só homens, provenientes de 13 países.

Esta época foi marcada por descobertas arqueológicas importantes: O templo de Olímpia (escola arqueológica Alemã); o tesouro dos Atenienses é o hino ao Deus Apolo em Delfi (escola arqueológica Francesa).

O sistema educativo anglo-saxónico adoptava o espírito grego antigo “mente são em corpo são” considerado imortal através dos tempos, e contribuiu na altura para que o desporto ganhasse um lugar de destaque na sociedade.

A organização deu um lucro astronómico para a época, que permitiu tonificar o movimento desportivo helénico, num país que se encontrava em estado de pobreza absoluta.

Em 1900 os Jogos tiveram a sua segunda edição em Paris e contaram com a participação de 22 mulheres num total de 997 atletas; as mulheres foram excluídas das provas da corrida dos 800m por serem consideradas de condições físicas limitadas; a organização foi considerada caótica.

Nos anos seguintes não se realizaram porque a força da 1ª guerra não conseguiu ser vencida.

### Evolução Sociopolítica

Os Jogos Olímpicos são marcados pela evolução sociopolítica: depois da Segunda Guerra Mundial, o mundo dividiu-se em dois blocos dirigidos por superpotências e o estádio Olímpico transformou-se num palco da Guerra Fria.

1952 - A União Soviética participa pela primeira vez nos Jogos; os atletas Russos treinavam em campos próprios e estavam isolados dos acontecimentos desportivos intercalares entre duas Olimpíadas; apareciam directamente nelas para competir. A língua russa constituía uma verdadeira barreira no convívio com os restantes atletas e as fugas dos atletas para o Ocidente

---

<sup>5</sup> Apresentado por **Rui Barbosa**, da Universidade de Grenoble, França.

foi um caso histórico sério. A competição desportiva traduziu-se numa concorrência feroz que teve o seu cúmulo em 1972, no jogo de basquetebol entre USSR e EUA; os americanos pensaram ter ganho o jogo por 1 ponto, os russos protestaram porque era time-out e não o final do jogo para o qual ainda faltavam 3 segundos; nestes 3 segundos os russos marcaram e ganharam aos americanos; foi a primeira vez que os EUA perderam em basquetebol nos Jogos Olímpicos; protestaram mas o resultado foi considerado válido e eles recusaram-se a receber a medalha de prata.

1980 - Nos Jogos de Inverno, chegou a hora da vingança: um grupo de jogadores formados num colégio americano ganhou “a invencível grande máquina vermelha” no hóquei no gelo.

Esta concorrência entre russos, símbolo do comunismo, e americanos, símbolo da liberdade, esteve quase para acabar com os Jogos Olímpicos; 60 países, incitados pelos EUA, boicotaram os Jogos de Moscovo, depois da invasão do Afeganistão pelos russos. Jimmy Carter, presidente dos EUA, evocando a decisão do parlamento americano em não participar nos Jogos, pressionou o Comité Olímpico Internacional com ameaças de 50 sponsors se retirarem da organização; chegou-se perto da destruição do Comité Olímpico Internacional. Os russos impuseram-se como maior vencedor dos Jogos ganhando 80 medalhas de ouro; quatro anos mais tarde, os russos boicotaram os Jogos de Los Angeles e o mundo mostrou-se farto destas sabotagens. O então novo presidente do Comité Olímpico Internacional, Juan António Samaranch, utilizou poderes de diplomacia política para cessar com esta disputa; quatro anos depois, em 1988, ambos se apresentaram em Seoul.

A forte afirmação destes Jogos é: constituem uma arena onde todos têm oportunidades iguais de ganhar; os espectadores têm oportunidade de apoiar os representantes do seu país num espírito de “fair play”.

O Comité Olímpico Internacional detém o poder de proibir a participação de países, como foi o caso da África do Sul, país participante nos Jogos desde 1904: foi proibida de participar em 1960 por não ter publicamente condenado o “apartheid”. A África do Sul foi readmitida em 1992, após a libertação de Nelson Mandela. Em 1992, nos Jogos de Barcelona, a Alemanha apareceu unificada; desde os Jogos de Munique, em 1972, que as Alemanhas de Leste e Oeste participavam separadas, fortemente concorrentes entre si. A experiência vivida pelos atletas foi histórica.

### **Atenção Mundial a Causas e Injustiças**

Os Jogos Olímpicos modernos foram ao longo dos anos marcados por intervenções que chamaram a atenção mundial para causas e injustiças.

1936 - Berlim; Jesse Owens, atleta de corrida, negro, ganha várias medalhas de ouro e estraga os planos de Hitler que queria demonstrar a superioridade da raça branca ariana. A larga aceitação e participação dos países nos Jogos foi objecto de exploração política por vários governantes. A Alemanha nazi organizou a XI Olimpíada e Hitler, num estádio repleto com 100.000 pessoas, tentou sublinhar a supremacia do povo alemão como raça. A Alemanha teve superioridade no número de medalhas ganhas, mas a superioridade nos resultados adquiridos pelos afro-americanos contrariou as convicções racistas dos nazis resumida na referência oficial da época “Americans should be ashamed to let the negroes win their medals”.

1960 - Roma; um atleta independente da Etiópia, Abebe Bikila, ganha a maratona; correu sem sapatos e ficou na História devido ao estilo e à dupla vitória 4 anos depois. A maratona olímpica constituiu o “African pride” desde 1928 (Amesterdão) em que Borgera El Ufi, árabe da Argélia (colónia francesa), ganhou a medalha de ouro.

1968 - México; Lee Evans, Larry James e Ron Freeman, vencedores dos 400m de corrida, protestam contra a discriminação racial nos EUA.

Tommy Smith e John Carlos, levantaram uma luva preta em punho na hora da atribuição das medalhas; o Comité Olímpico Internacional pediu para regressarem no seu país antes da Cerimonia de fecho oficial dos Jogos Olímpicos, posição que foi considerada severa: *“Man against Man”, constitui transgressão do ideal olímpico e põe em causa o tocar dos hinos nacionais.*

1972- Munique; Palestinos entram nos quartos de atletas de Israel, na Aldeia Olímpica, matam dois israelitas e ficam com 9 reféns, pedindo a libertação de Palestinos presos em Israel. Houve negociações para voarem até ao Egipto (terroristas e reféns), mas a polícia resolveu atacar no último momento tendo como resultado a morte de cinco terroristas, um polícia Alemão e de todos os reféns.

1990 - Houve guerra na Jugoslávia; o Comité Olímpico Internacional utilizou os Jogos de Inverno em Lillehammer (1992) para chamar a atenção do mundo sobre a terra queimada que a guerra deixou atrás: *“Stop the war, put down arms, stop fighting”* - Juan António Samaranch; foram declaradas Tréguas na cidade olímpica de Serajevo com a intervenção activa das Nações Unidas.

1996- Atlanta; uma bomba explode no centro da cidade provocando grande pânico; os meios da comunicação social controlam a divulgação da notícia. Estes Jogos foram considerados os mais comercializados de sempre: o logótipo da Mc. Donald's no meio do recinto de basquetebol ficou na memória de todos os espectadores. Surge a necessidade de rever de alto abaixo as exigências dos sponsors e o código de comercialização para os Jogos.

2000- Sidney; os Jogos constituem palco de orgulho para as minorias que se sentem em permanente estado de exclusão: Kathy Friman, atleta corredora dos 400m, acendeu a chama olímpica no estádio de Sidney, dando início oficial aos Jogos Olímpicos; foi um momento em que se sentiu a aceitação da identidade cultural dos vários povos num país. Kathy Friman, para os aborígenes da Austrália é o símbolo das relações dos indígenas com os colonos.

Nestes Jogos a Correia do Sul entrou junta com a Correia do Norte na Cerimónia Oficial de Abertura, erguendo uma bandeira única e ao som de uma música tradicional.

2004 - Atenas; A perseguição sem tréguas ao “doping” marca a nova presidência do Comité Olímpico Internacional.

2008 - Beijing; a libertação do Tibete teve várias manifestações. A invasão da Ucrânia pela Rússia, em defesa da Ossétia, no decorrer dos Jogos, mostrou mais uma vez que o espírito de Paz e os Direitos Humanos estão muitas vezes em rota de colisão com o espírito dos Jogos Olímpicos.

## **Katerina D. Barbosa**

Consultora em Comunicação da Direção da empresa que construiu a Aldeia Olímpica dos atletas para os Jogos Olímpicos “ATHENS 2004”, uma experiência fascinante de contacto com todos os intervenientes de 204 países que participaram na XXVIII Olimpíada: Comités de Organização Nacional, Jornalistas, Presidentes de Confederações e Federações Desportivas, Sponsors, Atletas etc.



Atualmente em Portugal onde tem vivido grande parte da sua vida profissional, trabalhando para grupos de Publicidade Internacionais e onde formou a sua própria empresa de Consultadoria em Comunicação.

Formada em Comunicação pela Universidade de Ciências Sociais de Grenoble – França.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL  
**O MOVIMENTO OLÍMPICO E AS GUERRAS**  
OLIMPISMO, PROPAGANDA, BOICOTES E TERRORISMO  
Lisboa | 5 e 6 de julho 2016

---

INTERNATIONAL CONFERENCE  
**OLYMPIC MOVEMENT AND WARS**  
OLYMPISM, PROPAGANDA, BOYCOTTS AND TERRORISM  
Portugal | Lisbon | 5<sup>th</sup> and 6<sup>th</sup> July 2016

---